

APRESENTAÇÃO

Dossiê: Circulação, tramas e sentidos na literatura na/da Amazônia

O dossiê *Circulação, Tramas e Sentidos na Literatura na/da Amazônia* reúne reflexões críticas que desvendam os diálogos entre a produção literária amazônica e as dinâmicas culturais, históricas e sociais que configuram essa região como um espaço de narrativas plurais. Sob a perspectiva de múltiplas epistemologias, os textos apresentados dialogam com a multiplicidade de vozes amazônicas, sua relação com o cânone e os movimentos de resistência e hibridismo que estruturam essas produções.

Os textos reunidos neste dossiê abordam, sob diferentes aspectos, as dinâmicas literárias e culturais que permeiam a Amazônia, explorando as múltiplas vozes que se manifestam na produção regional. Ao trazer à tona questões relacionadas à ancestralidade, identidades de gênero, raça e interculturalidade, os estudos refletem as tramas complexas que estruturam as relações entre a literatura e os contextos sociais, históricos e ambientais da região.

Os debates presentes nos artigos indicam a circulação de sentidos e narrativas, destacando o papel da literatura na articulação de vozes marginais e na formação de redes culturais que atravessam fronteiras locais e globais. Nesse cenário, as produções literárias amazônicas surgem como espaços de resistência e reconfiguração identitária, estabelecendo interseções entre o regional e o universal. As perspectivas apresentadas ampliam o entendimento sobre a maneira como as histórias locais, as tradições orais e os mitos são ressignificados na criação literária, desafiando estereótipos e hegemonias culturais.

A multiplicidade de abordagens aponta, assim, para a diversidade do campo literário amazônico, bem como suas contradições, incorporando discussões sobre as tensões entre modernidade e tradição, a circulação de obras e autores e as dinâmicas de visibilidade e silenciamento no mercado editorial. As articulações entre literatura, identidade, história e resistência cultural promovem diálogos que atravessam temporalidades e territórios, possibilitando reflexões sobre os desafios e potencialidades da inserção de narrativas regionais em contextos mais amplos.

Por meio das análises, emergem as formas como as obras literárias amazônicas transitam entre dimensões locais e globais, evidenciando hibridismos culturais e transnacionalidades que ampliam os sentidos atribuídos à região. As contribuições ressaltam a literatura como espaço de confronto e negociação, onde diferentes epistemologias, linguagens e visões de mundo se entrelaçam em um movimento contínuo de circulação e reinterpretação. Assim, os textos contribuem para ampliar os horizontes críticos acerca das representações culturais e literárias da Amazônia, reforçando sua centralidade no debate sobre identidades, fronteiras e diálogos culturais.

Desse modo, ao evidenciar os múltiplos pontos de vista que atravessam os textos e autores vinculados à região, é possível perceber como a literatura da/na Amazônia redefine identidades e fronteiras culturais. É assim, sob as várias perspectivas aqui postas, que este volume busca provocar debates críticos sobre as tramas literárias, os processos de circulação e os sentidos que emergem de obras situadas em uma região marcada por sua riqueza natural, diversidade cultural e desafios históricos.

A diversidade de perspectivas, aqui ensaiadas nos artigos acadêmicos que compõem esse volume, não pretende dar conta de toda a diversidade cultural da Amazônia, mas abrigá-la. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos.

Ao abrigarmos, nesse número temático da *Igarapé*, trabalhos cuja temática se refere à Amazônia, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito do espaço regional amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/pesquisadores. Nesse sentido, o nosso número temático objetiva a discussão acerca dos limites e das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas acerca dessa região, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, de uma compreensão dessas identidades frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras, das culturas

e das epistemologias não ocidentais, bem como da circulação, tramas e sentidos da Literatura neste universo.

Visa-se, deste modo, a compreensão das representações do ser amazônida, quer no *habitat*, quer longe dele, em seus anseios locais/universais, seja através da leitura das diversas relações de confronto entre a textualidade amazônica e a produção cultural na América Latina, ou do levantamento crítico da(s) identidade(s) plasmada(s) na produção literária da Região. Foi buscando esses intentos que professores pesquisadores das IFES de Roraima e do Tocantins, bem como, pesquisadores dos demais estados amazônicos, interessados em temas e textos literários oriundos desta Região buscaram se reunir em torno dessa edição da Revista Igarapé.

Temos visto crescer, a cada ano, a quantidade de trabalhos com temáticas Amazônicas, principalmente em função do incremento da pós-graduação na Região, ao mesmo tempo em que vemos crescer também a ignorância do senso comum sobre a Amazônia. A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que tem merecido destaque em nossas pesquisas. Nesse sentido, a relação com as culturas ancestrais, ao longo das nossas buscas, *papers* e artigos, tem se ampliado, amplificando o alcance da necessidade de discussão em torno das questões inerentes às culturas tradicionais da Amazônia.

É bem verdade que boa parte do conhecimento sobre nossa Região Amazônica ainda está por ser construído. A imagem que prevalece, geralmente, é a de um “lugar periférico”, subdesenvolvido ao extremo (“primitivo”, para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, o Inferno Verde, em que há grande diversidade de culturas indígenas e pouca *intelligentzia*. Ou, como tem sido demonstrado pela imprensa nacional e internacional, um espaço de garimpo, subjugado pelo crime, terra sem lei.

No Brasil, em especial, este imaginário (a que chamamos senso comum) construiu a equivocada ideia de que além de uma, enquanto região, a Amazônia é brasileira. Mas, além de abranger vastas áreas urbanas, como Belém e Manaus (ambas com população acima de um milhão de habitantes cada, os centros regionais), a Amazônia já é internacional. Basta que verifiquemos a existência das outras amazônias fronteiriças e sulamericanas: a venezuelana, a boliviana, a colombiana, a peruana, a equatoriana, as guianenses...

O ambiente que figura no senso comum tão pouco corresponde à realidade da Região. Se de um lado predominante, mas nunca homogêneo, há matas exuberantes e abundantes, por

outro lado, também há o pântano, o altiplano e o lavrado (savana, pobre de florestas e rica em vegetação rasteira). Entendemos que estar na Amazônia, falando dela é algo ainda mais importante. Não apenas em função dos temas, mas, principalmente, porque precisamos, entre nós, em nosso próprio solo, adquirir consciência do que e de como somos.

Os organizadores

Roberto Mibielli (UFRR)

Márcio Araújo de Melo (UFNT)

Sheila Praxedes (UFRR)